2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 16. QUINTA FEIRA, 24 DE JANEIRO DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

ALVITRES A FAVOR DOS PESCADORES.

247 Os temporaes, que nestes ultimos dias cahiram sobre a costa, destruiram as armações dos pescadores, e converteram em mendigos os mais activos e intrepidos trabalhadores.

Se ha uma classe de homens no mundo, em quem Deus estampasse, na fronte, toda a nobreza da missão do trabalho, são por certo os que nascem perto do mar — os que ouvem desde creança os rugidos do Oceano confundirem-se com o seu choro, e que embalados nos barcos pelas vagas, alli são muitas vezes afogados, já homens, pela mesma força, que os acalentou nos primeiros dias da vida.

Para comprehender, o quanto é horrivelmente triste vêr centenares de homens, crestados pelo vento desabrido do mar, desfigurados por alguns dias de fome, e envoltos nos grossos e rotos gabões, que são como o pobre ninho de toda a sua aventurosa vida, — é mister saber o quanto é livre e bella a existencia, que longe da corrupção das cidades lhes cança a alma cheia de fé e de esperança na presença de perigos continuados e do desagasalho do seu viver.

O povo de Lisboa com o instincto nobre e christão, que tanto o illustra, viu com as lagrimas nos olhos o apparecimento dessa colonia de invalidos do trabalho, que de mãos erguidas lhe vinham pedir uma esmolla pelo amor de Deus.

No Domingo o numero dos peregrinos tinha augmentado — velhos, adultos e creanças, percorriam as ruas da cidade, mendigando a vida, no pão da esmolla, porque lhes faltava absolutamente o trabalho.

Desgraçado do paiz onde estas scenas fossem vistas, sem que todos lhes procurassem remedio.

Além dos pescadores que mendigavam, muitos seus irmãos vieram feridos para o Hospital de S. José.

Não é a primeira vez que estes factos se passam, mas não nos lembra de que fossem jámais vistos em tão grande ponto.

Mais de uma vez temos escripto que, em nossa opinião, a Beneficencia publica é um dever sagrado e rigoroso da administração do Estado.

Tambem mais de uma vez temos escripto que — não queremos que o povo, com os braços cruzados, espere tudo do Governo. Na harmonia destas duas opiniões — no ponto em que se encontram — consiste, quanto a nós, a resolução do problema de governar bem ou de governar mal.

Era para casos destes que serviria a Instancia Superior, por nós já lembrada para a Beneficencia publica, e á qual em taes circumstancias cumpria a iniciativa dos meios de valer a tão grande calamidade.

São estas desgraçadas faltas que mais reforçam o que nós já dissemos, ácerca da viciosa organisação dessa instituição inutil, a que se chama em Lisboa, *Conselho Geral de Benificencia*, e a qual, sem uma completa reforma, estudada por quem saiba a fundo o que são os regulamentos de Benificencia Publica de varios paizes da Europa, não poderá nunca passar de ser uma das bellezas nominaes da nossa machina administrativa.

São varios os deveres impostos pela situação desgraçada desses infelizes.

Este facto não é uma parte do phenomeno geral da mendicidade: é um facto especial que deve ser remediado já, cuidando-se ao mesmo passo de o evitar para o futuro.

Esses homens que a fome trouxe de longe para o centro da cidade — não são mendigos — são homens sem trabalho, mas com força e vontade de trabalhar.

O homem do mar, o pescador — não conhece a mendicidade como meio de vida: — para elle o pobre é um irmão com quem reparte na praia ao pé do fogo, metade da sua refeição — e a quem concede alguns palmos da sua choça em troca de uma oração, que lhe abençôe as redes.

Quando o mar lhe leva as armações — quando as vagas lhe partem o barco de encontro aos rochedos, se alcança a praia abraçado a uma prancha, encontra em volta de si mulher e filhos, que o seu braço sustenta: — vê a fome com receio, depois com pasmo, e ao cabo de uma lucta desesperada corre para a cidade, estende a mão nas praças e nas ruas, e quando se vê repellido, é que pela primeira vez comprehende que ha homens, para quem o pobre não é um irmão.

Quem uma vez se quer assistiu ás magestosas scenas da vida da costa, não póde nem suppor que, para essa povoação robusta e trabalhadora, o soccorro possa ser causa de que se entreguem ao ocio.

Ide por exemplo á Ericeira em dia que o amanhecer enganou os mais sabidos, e quando, ao cahir da tarde, o mar e o céu se tingiram de negro, e se envolveram em tempestade violenta, que á luz dos relampagos cega o olhar com mil abysmos, vede a anciedade com que as mulheres, os velhos, e as creanças correm para sobre os rochedos. Em cada braço uma luz acena para os barcos que voltam do alto mar, e neste aceno ha a duvidosa, mas crente esperança de que será vista por um pae, por um irmão, por um marido, ou por um filho.

Sobre os rochedos o terror está estampado em todos os rostos, alumiados pela avermelhada luz de muitos archotes. Ao movimento confuso de tantas luzes se junta o grito partido do coração, que vae salvar o barco, suspenso sobre o dorso das ondas, do penedo que o póde espedaçar: com as vozes que echoam nos rochedos, se casa o ruido confuso de vozes, que vem do mar, e, como a estrella entre a tempestade, no meio dessa grita medonha se ouve o nome de Deus e da Virgem. Finda a lucta entre a morte e a vida — salvos esses homens todos que em campanha renhida arrancaram a existencia da sepultura, que as vagas lhes cavavam, dizei-lhes que mudem de profissão — dae-lhes dinheiro para que não trabalhem e vereis que não largam a rede, o barco, nem a pobre choupana. A infancia, o amor, as suas esperanças, a religião que o mar lhe arreigou na alma, revelando-lhes a maior prova do poder de Deus, tudo os leva para o barco e lhes prende a vida á rede, e o coração aos que parte são do seu sangue. É o mal da patria, a tristeza que os finaria, se os trouxessem para a cidade, onde entre sedas e pompas, aquellas vidas tão livres e tão de Deus se apagariam como a luz que morre exposta á corrente do vento.

Não haja por tanto receio de alimentar ociosos socorrendo desgraçados. A sua condição, os seus habitos repellem o perigo, que por vezes se apresenta em taes socorros.

Factos que fazem parte do triste acontecimento que noticiamos, comprovam a nossa opinião ácerca dos malfadados pescadores.

Na terça feira, quem os foi visitar nos alvergues em que se recolheram em Belem, já os não encontrou todos — parte havia sahido para a Costa a levar conforto e soccorros ás desamparadas familias, e a procurar meio de trabalhar, e outra parte não tinha vindo para a cidade, porque sendo para elles o pedir esmola um sacrificio que lhes arrancava lagrimas do coração, em quanto se alimentavam com o que a charidade publica lhes havia dado, não tinham animo para voltar á cidade. Este facto, por cuja inteira verdade nos responsabilisamos, diz o mesmo que diziam esses rostos angustiados que olhando para o céu imploravam ha pouco a nossa compaixão. O pescador só pede com fome, e quando não póde trabalhar.

Na especialidade destas circumstancias assenta o alvitre simples que vamos lembar.

Nomêe o Governo quanto antes uma commissão de homens caridosos e intelligentes, incumba-lhe o dirigir e aproveitar o instincto compassivo da cidade que póde prestar já soccorro aos desgraçados — recommende-lhe que este soccorro não seja só de alimento, mas principalmente de instrumentos de trabalho e que se converta parte em redes e concerto de barcos: incumba-lhe um rigoroso inquerito sobre o acontecido: oiça o seu parecer ácerca dos meios de crear para o futuro um soccorro com que se possa evitar a vinda desses infelizes, meio nus e mortos de fome, até ás portas da cidade.

Eis aqui a nossa opinião ácerca deste fatal acontecimento:

Soccorro prompto:

Inquerito sobre o acontecido:

Meio de evitar no futuro tão desastrosos acontecimentos.

O jornalista, como operario da intelligencia, deve estender a mão para o seu irmão desvalido, e levantar um brado em seu favor. É o que fazemos com o coração magoado pelo infortunio a que desejariamos poder valer.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

MEIO DE TIRAR NODOAS DO FATO DE LÃ.

248 Para limpar vestidos de merinós, caça de lã, etc. descozam-se e tirem-se-lhes cuidadosamente os pontos, e cubram-se as nodoas com sabão rijo. Feito isto, deitam-se 180 grammas de farinha de mostarda, ($6\frac{1}{4}$ onças) em 6 litros de agua a ferver (4 canadas e um quartilho) deixem-se ferver por espaço de dois minutos e depois esfriar até que se possa metter-lhe a mão. Deita-se esta agua por cima do vestido dentro de um alguidar: ensaboa-se bem com ella particularmente nos sitios das nodoas; lava-se em seguida em muitas aguas até sahir a ultima bem clara; estende-se n'uma corda que não suje. Estando bem secca a peça de fato, cubra-se com um lençol molhado e passe-se a ferro.

As casacas e sobrecasacas limpam-se esfregando a gola e as nodoas com sabão escuro e depois com uma escôva de palha de arroz, ou de substancia vegetal similhante molhada em agua de saponaria.

PARA TIRAR NODOAS DOS TECIDOS DE SEDA.

249

Mel	125 grammas	($4\frac{1}{4}$ onças.)
Sabão escuro	155 »	($5\frac{1}{2}$ »
Aguardente .	$\frac{1}{2}$ litro	(quartilho e meio escaços.)

Misture-se tudo e deixe-se em repouso por 30 horas. — Estenda-se a peça de seda, que se quer limpar, sobre uma meza bem limpa: molhe-se uma escova macia naquella composição e escove-se ao comprido e atravez, mas sempre a direito. Tendo de reserva dois baldes de agua fresca (a melhor é a de poço), mergulhe-se a seda n'um e depois no outro successivamente e sem a torcer, e estenda-se a enxugar.

INSTRUMENTO CALCULADOR.

Lemos na *Presse:*

250 M. Fuller, dos Estados Unidos da America,

acaba de expor á venda nas principaes cidades commerciaes da Inglaterra e dos Estados Unidos, um instrumento que offerece grandes vantagens ao commercio, ás fabricas, ás artes, e ás sciencias. É a antiga regoa calculadora, aperfeiçoada de modo tal, que os calculos de toda a especie, que são necessarios ao commercio, e ás artes, podem ser feitos por meio della, com a maior exactidão, a maior facilidade, e sobretudo com a maior presteza.

Com duas horas de pratica, o caixeiro menos esperto aprenderá a fazer todos os calculos que se referem ao commercio. As questões de salarios, de interesses, de juros, de descontos podem ser resolvidas por meio deste instrumento, muito mais facilmente do que pelo methodo antigo.

Uma grande parte dos maiores negociantes de Londres, dos banqueiros da Inglaterra, e os escriptorios das Companhias de caminhos de ferro e de seguros já usam deste instrumento.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

Toiros reaes.

CAPITULO X.

251 Era no Terreiro do Paço que, segundo o costume, estava armada a praça para se correrem os toiros. Esta praça que occupava apenas um terço do Terreiro, era de dois lados formada pelo palacio real, e dos outros dois lados por palanques de madeira, pintados de encarnado e oiro, e ornados de cortinas de damasco.

Em roda da praça corria uma trincheira pouco mais alta do que um homem; e no meio, um grosso mastro sustentava uma varanda, com grades doiradas, onde estavam os musicos; este mastro era na parte superior ornado por um immenso estandarte de seda em que se viam, de um lado, bordadas as quinas reaes, e do outro a imagem de Nossa Senhora: na sua parte inferior, uma estacada circular servia para abrigar dos toiros os soldados que faziam a guarda da praça.

Da janella central do paço saía uma grande tribuna de madeira, que fechavam amplas cortinas carmezim com franjas de oiro. Era a tribuna real.

Desde pela manhã que a praça se tinha enchido de povo: trincheiras e camarotes estavam apinhados de homens e damas cobertas de galas brilhantes. A alegria manifestava-se no rosto de todos; as gargalhadas e os gritos, confundindo-se uns nos outros, formavam um immenso surro, que se assimilhava ao rugir do vento por entre as arvores de serrado pinhal.

Era quasi uma hora da tarde; e só se esperava pela chegada de Suas Magestades para dar principio á dezejada festa.

N'um dos cantos da praça, encostados á trincheira, alguns homens do povo manifestavam a sua impaciencia com gritos e discordes clamores.

— Ao meio dia é que os toiros deviam começar — dizia um — e já é...

— É uma hora, alli no relogio — interrompeu Fr. Antonio da Redempção que fazia parte deste grupo de espectadores.

— Que aconteceria? — perguntou Zé Borracha, o sapateiro remendão, que representára tão prudente papel na scena que se passára poucos dias antes na taberna do Salpicão.

— Talvez El-Rei fosse ganhar o jubileu. — Respondeu a meia voz Manuel Serralheiro, que, depois de ter suffocado o seu inimigo João Pardo, se escapára das mãos da ronda.

— Nada de imprudencias, Manuel — atalhou o sapateiro, fallando-lhe ao ouvido. — Lembra-te que... que és christão novo...

— Calle-se!

— El-Rei não tarda. O Sr. D. João IV...

— O Sr. D. João IV nunca fazia esperar o povo — disse Fr. Antonio. — Muitas vezes o vi chegar á tribuna, antes do meio dia.

— Aquillo é que era um rei! — exclamou um velho. — E que tempo aquelle! Todas as semanas havia toiros; e El-Rei não faltava nunca.

— Os toiros hoje hão-de ser bons. São das manadas de Azeitão — disse um dos interlocutores.

— El-Rei bem sabe por experiencia que os toiros de Azeitão são bravos — observou Diogo Cutilada, que rompêra por entre a multidão que se apinhava na praça, e deitava neste momento a mão á trincheira para subir. — Ajude-me a subir, Fr. Antonio; dê-me a mão para eu subir para ahi.

— Ah! É v. m. camarada! — exclamou o frade estendendo a mão ao Diogo, e puxando-o vigorosamente para cima. — Onde está seu amo? O capitão não veio aos toiros?

— Ora obrigado, Sr. Fr. Antonio — disse o soldado sentando-se na borda da trincheira. — Estou aqui melhor que n'um camarote.

— Mas seu amo...

— Meu amo? Ah! Alli está elle com o seu amigo, o sr. Mendonça...

— Estão quasi por baixo da tribuna. Apanharam um bom logar. — Vamos a ver se olham para cá.

— Lá olham! — observou o soldado. — Não nos viram.

— Adeus! — murmurou Fr. Antonio, acenando com o lenço a Francisco d'Albuquerque. — Adeus! Lá olha! Adeus!

Francisco d'Albuquerque, depois de dizer adeus ao frade, voltou de novo a cabeça para olhar para uma janella do paço, situada á esquerda da tribuna. Fr. Antonio da Redempção seguiu com os olhos o movimento da cabeça do seu novo amigo, e viu na janella, que ficava por cima da que era destinada para as damas da Rainha, a Calcanhares que se debruçava, e olhava sorrindo para o gentil provinciano.

Um outro homem, de pé n'um camarote situado do lado opposto da praça, observava tambem os gestos da Calcanhares. Ao vêl-a debruçar-se, e sorrir-se para Francisco d'Albuquerque, fez um gesto de colera, e lançou um olhar terrivel ao namorado Capitão. Este homem, que tomava tão grande interesse na scena muda, que se passava inapercebida de todos, n'um ponto distante da praça, era Henrique Henriquez de Miranda, o confidente d'El-Rei.

Margarida, depois de olhar por algum tempo para Francisco d'Albuquerque, levantou lentamente a cabeça; animava-lhe o rosto formoso um sorriso de inefavel prazer, os olhos scintilavam-lhe de amor. A Calcanhares passou a mão pelos cabellos ondeados, sacudindo-os graciosamente; abriu e fechou com rapidez o leque rendado; inclinou a cabeça sobre o hombro esquerdo, com a natural facilidade e requebro com que as mulheres bellas fazem este movimento encantador, que só se póde comparar ás ondulações do cólo do cisne; e depois, poz-se a observar com distracção os objectos que a cercavam. Quando viu porém Henrique Henriquez só n'um camarote, e notou o olhar sinistro com que a observava, a pobre mulher estremeceu involuntariamente, e desviou delle os olhos com invencivel horror.

— A Calcanhares alli na janella do Paço! — exclamou Fr. Antonio da Redempção, voltando-se para os que o cercavam.

— É incrivel, que ella ouse affrontar deste modo a Rainha! — bradou um.

— Então El-Rei ainda a não deixou? — perguntou outro.

— Parece que não!

— Sempre é verdade que ella enfeitiçou Sua Magestade!

— A excommungada tem parte com o diabo.

— Fóra a Calcanhares! — vociferou um dos que estavam na praça, e que ouvíra esta conversação.

— Fóra a Calcanhares! — responderam muitas vozes.

A desordem ía rapidamente crescendo e tomando força. Já o povo, de pé nas trincheiras, gritava, rugia, tumultuava; a multidão da praça começava a invadir os palanques; muitas mãos se agitavam com furor em roda de Fr. Antonio da Redempção, e ameaças terriveis acompanhadas de tremendas pragas saíam de muitas boccas; emfim tudo denotava a proximidade de uma tempestade popular, quando uma simples coisa poz termo a todo o tumulto e serenou todos os espiritos. — O Mordomo-Mór veio abrir as cortinas da tribuna real; e a curiosidade fez n'um instante desapparecer a colera.

Poucos momentos depois entrou na tribuna a familia real; e appareceram nas janellas os fidalgos e as damas da côrte, os tribunaes, e o senado. As charamellas e trombetas tocaram uma marcha de guerra, e um immenso grito de acclamação se alevantou de todo o amphitheatro. Suas Magestades saudaram o povo, e sentaram-se depois em cadeiras de veludo carmesim, collocadas sobre um estrado pouco elevado.

O Conde do Prado, Estribeiro-Mór, que estava na janella á direita da tribuna, logo que Suas Magestades tomaram assento, ordenou ao Meirinho da Corte, que se achava na praça a cavallo e acompanhado de seis muchilas vestidos de carmesim, mandasse dar principio á festa.

Logo que o Meirinho transmittiu a ordem que recebêra do Monteiro-Mór, abriu-se a porta da praça, e rompeu por entre a plebe Luiz de Mello, capitão da guarda, a cavallo com o seu bastão e insignias, precedida do Tenente tambem a cavallo, e seguido por doze lacaios vestidos de vermelho com rendas de pita. Atraz, em duas alas, marchavam os soldados armados, uns de mosquetes, outros de piques.

Os cavallos do Capitão e do Tenente trasiam magnificos jaezes doirados, sellas bordadas, listões de seda e prata nas crinas. Guiando-os com singular destreza, fizeram os dois cavalleiros as costumadas cortezias, primeiro ás pessoas reaes, depois ás damas que estavam nas janellas do Paço

e nos camarotes. Feitas as cortesias, saíram da praça, levando adiante de si o povo que nella se tinha apinhado.

Doze carros representando monstros marinhos, coroados de algas e nadando em duras ondas de páu, puxados por mulas cobertas de seda verde mar, entraram na praça. Os monstros marinhos deitavam pela bocca e narizes agua, com que regavam a praça. A estes seguia-se outro carro, em que vinha o deus Neptuno, toscamente talhado, mas coberto de tellas das mais vivas côres, e armado do indispensavel tridente. O deus do mar estava de pé sobre uma concha, cercado da sua côrte de tritões e sereias, cujos encantos eram realçados por uma espessa camada de vermelhão. As rodas deste carro representavam conchas, e o cocheiro, escondido n'uma gruta, era um satyro com longas barbas vermelhas, e pés de cabra.

Os carros percorreram a praça em todos os sentidos, causando grande pasmo ao povo; que sobretudo admirava a magestade do grande deus Neptuno, e as visagens e desgraciosas contorsões que faziam as serêas da sua real côrte. Regada que foi a praça, Neptuno saiu seguido de todos os seus vassallos; e as charamellas annunciaram a entrada dos toireadores.

Primeiro entraram sete homens de forcado, com largas e compridas casacas vermelhas. Seguiam-se doze toireiros de pé, vestidos de primavera verde-de-prata, com polainas e monteiras da mesma tella, e trazendo no braço capas de cochonilha com quatro bandas de tella de jasmins e franjas de prata. Apoz estes entrou na praça o cavalleiro.

Naquelle dia toireava D. Luiz de Menezes, Conde da Ericeira, a quem chamavam *el cavallero de la bella imagen*, pela sua grande bellesa e galhardia. D. Luiz de Menezes vinha, segundo o costume, vestido de filéle preto com forro de tella doirada; o chapeo ardia em diamantes; os borzeguins prendiam-se em rozas brancas de prata, e as joelheiras eram de velludo alcachofrado. Os acicates relusentes tinham passadores esmaltados: e os estribos de bronze torciam-se em preciosos lavores. O cavallo em que vinha D. Luiz de Menezes trazia ferraduras de prata; o freio e os ornatos da sella eram de oiro fino. Por tal modo as crinas, os peitos, e a cabeça do animal estavam carregados de rozas, e laços de fita, que mais parecia vir o Conde sobre um monte de flores do que montar um brioso corsel.

O elegante cavalleiro era seguido por cincoenta lacaios de cazacas de velludo vermelho bordadas de prata, chapeos de plumas, meias de seda e espadins doirados; de cincoenta turcos com vestias de tella branca de jasmins guarnecidas de oiro, alfanges doirados, e turbantes ornados de martinetes; e de cincoenta negros cubertos de sedas de varias e vivas cores, barretes de pennas, laços de listões brancos e carmezins nos braços e nos joelhos, arrecadas de prata nas orelhas, e aljavas prateadas.

O conde atravessou rapidamente a praça e parou diante da tribuna real: depois, tirando o chapeo, saudou Suas Magestades, fazendo recuar o cavallo com singular gentilesa. A esta seguiram-se muitas outras evoluções, que excitaram a admiração dos espectadores, e os fizeram romper em freneticos applausos.

Terminadas as cortezias, D. Luiz saiu, para voltar logo depois montado n'outro cavallo mais ligeiro e proprio para o combate dos toiros. Apenas o cavalleiro chegou ao meio da praça, armado de rojão, os moços do toiril abriram as portas ao primeiro toiro. O animal, cego de raiva, correu a praça perseguindo os toireiros e os homens de forcado, mas, vendo-os subir para a trincheira, estacou olhando em roda para o amphiteatro, e lançou um rugido de furor.

Foi então que viu pela primeira vez o cavalleiro, que corria em roda delle, apertando cada vez mais os circulos em que o involvia: abaixando a cabeça robusta, o toiro investiu com o cavallo do Conde da Ericeira, e este, firmando-se nos estribos e furtando á pancada o corpo do corsel, embebeu rapidamente o ferro do rojão no pescoço do animal, quebrando-lhe ao mesmo tempo a haste flexivel. O animal lançou de novo outro rugido mais feroz do que o primeiro; e um brado de immensa alegria saíu das trinta mil boccas dos espectadores.

A esta seguiram-se muitas outras sortes egualmente felizes, e que todas foram seguidas por freneticos applausos. O toiro tremulo de raiva e faiscando lume pelos olhos, ora escarvava o chão, ora corria cego sobre o cavalleiro, e este fugindo-lhe á pancada alcançava, a cada sorte, nova victoria.

Em poucos minutos o boi, crivado de rojões, baqueava quasi sem vida na areia tinta de sangue.

A este seguiram-se outros bois, que foram corridos pelos toireiros de pé, que ora os cança-

vam com as capas, ora os feriam com as garrochas.

A Rainha assustada e commovida, mas sentindo-se dominada pela fascinação, que a vista do perigo exerce sobre as pessoas que pela primeira vez prezenceiam uma lucta, em que o homem põe a cada instante a vida em risco, não perdia um só movimento dos combatentes. Com a bocca semi-aberta, os olhos dilatados, a respiração rapida e febril, ella ora lançava um grito de afflicção, ora sorria ligeiramente, ora desbruçava o corpo da tribuna para vêr melhor, ora recuava na cadeira e levava as mãos ao rosto para não vêr.

Nesta excitação nervosa, os seus olhos mais de uma vez se encontraram com os do Infante; e mais de uma vez tambem a mão que se estendia para procurar uma outra mão a quem communicasse as suas vibrações, caíu sem força ao encontrar a mão de Affonso VI.

Tinham-se picado já cinco ou seis toiros, sem que incidente algum desastroso perturbasse a alegria da festa, quando um episodio singular e inesperado veio pôr, um instante, em comoção todo o amphiteatro.

Abrira-se a porta do toiril; e um toiro de extraordinaria grandesa e espantosa agilidade, armado de pontas curtas mas agudas como punhaes, corrêra á praça. Sacudindo convulsivamente a cabeça, pequena em relação á robustez do musculoso pescoço, fazendo saltar em roda de si a terra que escarvava com impaciencia, o boi parando um instante olhára para todos os lados; depois n'uma nova carreira varrêra a praça de toireiros e de homens de forcado.

D. Luiz de Menezes, cravando os acicates no ligeiro cavallo, correu então com o rojão em punho para o toiro vencedor: mas este, abaixando a cabeça, precipitou-se sobre elle com tal furia e velocidade, que o Conde, não podendo evitar a pancada, lhe cravou o rojão, quando já o cavallo mortalmente ferido vergava com o pêso do cavalleiro.

Um brado de angustia rompeu de todos os lados quando o cavallo caíu, e o cavalleiro rolou na arena. Todos se poseram de pé como para salvar o Conde da Ericeira do perigo que o ameaçava; e muitos toireadores saltaram á praça, desenrolando as capas para chamar a attenção do boi. O cavalleiro, ajudado por alguns criados, pôde soltar a perna do estribo em que tinha ficado presa; e, enrolando no braço esquerdo uma capa, e tirando com a mão direita a espada que lhe pendia ao lado de um telim bordado, preparou-se para se desafrontar do dezar que havia recebido.

O toiro excitado pela capa, vôa cego de raiva a atacar D. Luiz de Menezes, mas este furtando o corpo á pancada deixa-o passar ao lado, e torna de novo a chamal-o á capa. Por muitas vezes se repetiu o ataque, e sempre a destresa do Conde soube evitar o perigo. O toiro já arfando de cançado, corre cada vez com maior raiva para o seu inimigo, sem nunca o encontrar na carreira.

Ao cabo de alguns minutos D. Luiz de Menezes, vendo a fera, já perdidas as forças, correr para elle menos veloz e vergando com o proprio peso, esperou-lhe a pancada a pé firme no meio do circo. O toiro baixou a fronte para o ferir com as terriveis armas, e o destro cavalleiro aproveitando-se deste movimento enterrou-lhe a espada no pescoço. O animal deu um rugido de dor e de raiva, que fez estremecer de terror quantos o ouviram; dobrou um instante os joelhos, depois erguendo-se de novo, proseguiu na desvairada carreira.

De quantos assistiam a esta scena barbara, ninguem tinha nella tomado mais interesse do que a nova Rainha. O seu corpo convulso vibrava a cada golpe, estremecia a cada impeto da fera; e por mais de uma vez um ai mal comprimido veio romper o silencio profundo do amphitheatro. Quando a Rainha viu o Conde da Ericeira esperar o toiro a peito descuberto, um brado mais agudo lhe saiu dos labios, e pondo-se quasi de pé, debruçou-se da tribuna estendendo involuntariamente as mãos como se quizesse parar com este gesto a carreira da fera.

Uma unica pessoa tinha assistido indiferente a esta lucta perigosa, entre a destreza do homem e a força indomada do toiro. Os olhos de Luiz de Mendonça quasi que se não tinham despregado da tribuna real desde a chegada da Rainha: parecia que oculto poder se lhe assenhoreára dos sentidos, e o subjugara por irresestivel fascinação.

A Rainha ao debruçar-se, soltou das mãos o lenço, que levado pelo vento, foi cair na praça a pouca distancia do logar do combate. Luiz de Mendonça viu-o voar, e seguiu-o com os olhos; apenas elle tinha tocado o chão levantou-se, e, sem hesitar um instante, sem calcular o perigo, salvou de um pulo a trincheira e correu a apanhal-o.

Um brado de angustia interrompeu os applausos com que o amphiteatro victoriava já a destresa do Conde da Ericeira, e a este brado succedeu um profundo silencio. Quando Luiz de Mendonça se abaixava para apanhar o lenço da Rainha, o toiro, que se tinha levantado depois de ferido, como dissemos, e prosseguido na sua cega carreira, foi direito a elle e tomando-o nas armas arremessou-o aos ares. Luiz de Mendonça, apenas pôde firmar os pés na arena, abraçou, apesar de ferido, a fera corpo a corpo, e travou com ella uma lucta tremenda. No fim de alguns segundos o toiro dobrou as pernas que a morte enfraquecia já, depois as mãos vergaram tambem, em fim o corpo todo baqueou no chão. Acabada a lucta Luiz de Mendonça caiu como morto na arena.

Muita gente saltou á praça para o soccorrer; mas o primeiro que o tomou nos braços foi Francisco d'Albuquerque. Ajudado por Diogo Cutilada e por alguns criados do Conde da Ericeira, o capitão transportou o seu amigo para o Paço, onde El-Rei tinha mandado ordem que o recolhessem.

A Rainha, desgostosa e commovida por este triste acontecimento, não quiz continuar a assistir á toirada. A familia real voltou logo para Alcantara seguida de toda a corte.

— Pobre Luiz de Mendonça! — exclamou Fr. Antonio da Redempção.

— Que diabo o levou a correr assim atraz do lenço da Rainha? — perguntou Manuel Serralheiro.

— Quem sabe, quem sabe? — respondeu gravemente Ze Borracha. — O desejo de subir... Hum! Hum! de ser premiado por Sua Magestade... Para ir longe é preciso andar.

— Foi-se a corte — interrompeu Manuel Serralheiro, — e tudo ficou triste como se o sol se apagasse.

— E com rasão, Manuel. Isto hoje já não póde ir bem.

— Estas festas parece que foram todas mal agoiradas — disse Fr. Antonio. — Deus queira que o casamento de El-Rei o não seja tambem. Não ha mal que não chegue a este pobre Portugal; e se Deus nos não ajuda, ficamos perdidos de todo.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

IGNEZ DE CASTRO.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna, em fonte pura,
As lagrimas choradas transformaram.
« *Camões* — LUSIADAS. »

252 I

Meiga filha de amor, terna saudade,
Vem pousar-me na lyra; vem sentida,
Maga filha do céu, dar vida ao canto,
Do pobre trovador. Alento novo
Só espera de ti meu alaúde.
Costumado a cantar da patria as glorias
Em lyra portugueza; hoje de lucto,
Mal podéra sem ti cantar tristezas;
Bem bastam as que vão por esta terra,
Outr'ora tão temida! bem me bastam,
As que o peito em segredo me devoram.
Inspira-me, saudade. Vem na campa,
Da triste e bella Ignez, chorar comigo.
Ás margens do Mondego, vae, escuta,
As queixas que Ella solta ás mansas brizas;
Aos écos da montanha; ao triste choupo;
Ao correr saudosissimo das fontes;
Interroga de amor as confidencias.
Depois, meiga saudade, vem na lyra,
Saudosa suspirar. É tua; dou-ta,
A lyra onde hei cantado a patria; a gloria.
Só te peço de amor sentidas queixas,
Maga filha do céu. Só peço um canto,
Aonde gemas triste; aonde a morte,
Pranteada por ti, encantos tenha...
Vem; pousa-me na lyra. Inspira o canto,
Meiga filha de amor — terna saudade!

II

Se ha quem tenha no peito sentido,
As tormentas que nascem de amor;
Ao sentir-se de Ignez condoido,
Pelo pranto — será trovador.

Se ha quem tenha uma vez suspirado
Por vêr morta a esperança em botão;
Venha aqui suspirar magoado;
Abra ás queixas o seu coração.

Se ha quem tenha córado de pejo
Ao ouvir esta terra ultrajar;
Nestes cantos, unido o desejo,
Bem unido, podemos chorar.

Se ha quem tenha maldicto mil vezes,
A deshonra da terra natal;
Nestes versos, que são portuguezes,
Vindiquemos o bom Portugal.

É dever de seus filhos. Mal haja,
Quem da patria uma vez se esqueceu.
Quem descrendo de tudo, a ultraja,
Quem as chagas lhe não escondeu!

Eu, seu filho, talvez não devêra,
Suas manchas moldar em canções...
Mas o caso, qual foi!... não morrêra
Deu-lhe vida o cantar do Camões!...

Deu-lhe vida essa fonte que dura
Desde então pela triste a chorar!
Deu-lhe vida esse rio que murmura;
Deu-lhe vida o seu longo penar!

Se ha quem tenha no peito sentido,
As tormentas que nascem de amor;
Ao sentir-se de Ignez condoido.
Pelo pranto — Será trovador!

III

« Estavas linda Ignez posta em socego »
Só curando de amor. Pelo teu Pedro,
Pelos filhos gentis, tu só vivias.
Ás margens do Mondego em tom sentido
Repetias de amor saudosas queixas
« Aos montes ensinando, e ás hervinhas »
Do seu Pedro — do teu — ardentes juras.
« De dia em pensamentos que voavam »
Ao teu regio amador, ao longe, ao longe
Mil sentidas endeixas lhe enviavas,
Que as brisas da manhã repercurtiam.
« De noite em doces sonhos, mentirosos »
Julgavas tel-o perto. E de contento,
E de louca de amor o estreitavas,
Ao peito mal soffrido. Oh! que de beijos,
Que de abraços, em vão, não foram dados,
Em sonho deleitoso! Que protestos,
Trocados entre os dois foram acceitos,
Pela mudez da noite! Tu, Mondego,
Que lh'os ouviste todos, bem podéras,
Prolongar-lhe o sentir, fazer que o sonho,
Enleiada a trouxesse por mais tempo
« Naquelle engano da alma, ledo e cégo »
« Que a fortuna não deixa durar muito. »
Que amor que lhe Ella teve! Oh! quem lográra
Nestes tempos que vão, amor tão puro!...
Formosa, linda Ignez, mal tu pensavas,
Que o premio do sentir fosse o cutello
De algozes deshumanos! mal previas,
Que as rozas da campina, as companheiras
Dos teus sonhos de amor, fossem regadas
Por teu sangue innocente! Vem, saudade,
De luctuoso crepe orna-me a lyra.
E depois, a chorar, rediz-me a sorte,
« Da mimosa bonina, que cortada,
« Antes de tempo foi, candida e bella! »

L. A. PALMEIRIM.
(Continúa).

MEMORIAS D'UM DOIDO

CAPITULO VI.

Desenganos.

(Continuado de pag. 177.)

253 — Sobre aquella vida frivola e duvidosa pesa um drama tenebroso. Essa mulher é moralmente matricida, e nem todas as lagrimas da Magdalena talvez a absolvessem aos olhos de Deus....

— É um crime ignorado então?.... bradou Mauricio com angustia.

— Não, é um daquelle crimes publicos, sabidos, commentados, sobre que a sociedade dissertou tres dias, e que esqueceu tão facilmente, como as modas que o paquete lhe manda de Paris, substituidas por outras, mais elegantes ou menos vistas — respondeu D. Affonso.

— E a justiça não se encarregou desse facto, não tracta de lhe infringir um castigo tremendo?

— Não sabes tu que a penalidade não se exerce senão sobre a appreciação material dos delictos? Não sabes tu que a lei não vê o crime, senão nas feridas ensanguentadas de um cadaver, ou nos veios lividos que o veneno faz apparecer sobre o corpo do moribundo?

— Conta! conta então! — atalhou Mauricio com a agonia de uma horrivel curiosidade.

— A Viscondessa tinha uma filha, tão bella, mais bella ainda do que sua mãe, e dotada de uma dessas organisações angelicas, que raras vezes despontam no centro de uma civilisação, dominada pelos calculos do egoismo, e pelas cegas pertenções da cubiça. Naquelle coração, fechado a todos os affectos, appareceu immediatamunte um terrivel ciume. As adorações, que o mundo lhe prestava, a ella só, fam tambem fa-

zer córar as faces modestas de sua filha. Ella, cujo peito devia palpitar de orgulho, não via naquelle anjo, mais do que uma rival importuna. Quando ouvia o murmurio de admiração, que excitava quando paosava, o seu olhar faiscava de odio, e de rancor concentrado.

Houve um homem, que se apaixonou por ella. Amaram-se ambos. Estava já destinado o dia do seu casamento. Foi então que a Viscondessa poz por obra o plano de uma atroz vingança. Usando do poder fascinador que a natureza lhe concedeu, soube fazer nascer um amor violento no noivo de sua filha. E um dia, a innocente não pôde duvidar da sua desdita. Semimorta de dôr, e de vergonha, a pobre donzella teve que devorar em silencio o ciume, e as angustias do seu affecto ultrajado.

Deus compadeceu-se do seu soffrimento: morreu aos quinze annos, como essas flôres ephemeras, que desabrocham ao nascer da aurora, e que as brisas da tarde semeam desfolhadas nos campos resequidos pelos calores do estio.

— E ella não teve ao menos alguns mezes de remorso? — perguntou Mauricio atterrado por aquella revelação.

— Depois dos pêsames do luto, via-a dançar uma walsa a dois tempos, com uma elegancia milagrosa — respondeu D. Affonso concisamente.

— E a sociedade recebeu-a como antes: não tiveram pejo de tocar naquella mão manchada de sangue?

— Aonde é que a presença de uma mulher, que traz flôres na cabeça, vindas directamente de Paris, e diamantes no peito, engastados primorosamente pelos mais habeis artistas, poude fazer nascer essas repugnancias ridiculas? — Sangue! A sociedade só tem olhos para ver o que rebenta das feridas... E demais a medicina affirmou authenticamente que sua filha morrêra de uma affecção nervosa, degenerada em phtisica pulmonar!

— Oh! meu Deus! meu Deus! — bradou Mauricio com desespero — e pude... e posso ainda amar essa mulher!

— E escrever-lhe no *Album* uns lindos versos, á fé de entendedor — accrescentou D. Affonso lendo rapidamente a poesia, que Mauricio havia escripto. — Tem um sabor byroniano, que é o poeta da moda. — E leu os versos que se seguem:

São negros esses teus olhos
São azues, negros ou não?
Nem côr do céu, nem da noite
Nem verdes! Então que são?
São olhos que tem taes cores
Que prendem como condão!

Os negros são aziagos
Os verdes não tem valor?
Os azues que são celestes
Nunca revelam amor!
Nenhuns olhos se parecem
Com os teus olhos na côr!

Eu vi-os! Porque os veria
Se me vieram prender?!
Se os segredos que elles dizem
Ninguem os póde saber!...
Se os dezejos que elles trazem
Não gozal-os — é morrer?

Eu amo a luz dos teus olhos,
Amo-lhe as côres que tem,
Até lhe adoro os segredos
Que louco — prezo me tem!
As emoções que elles fazem
Nunca as senti por ninguem?

Anjo do céu, tu serias
Cá na terra um seraphim,
Mas quem sabe se esses olhos
Nunca me intendem a mim?
Se ás falas que os meus lhe dizem
Nunca lhe respondem — *sim*.

Que importa? Não quero outros
Porque outros não posso amar!
Porque os teus dizem amores
Até no mais vago olhar!
Porque olhos assim não podem
Os meus olhos enganar!

Se me enganarem — no mundo
Nunca outros quererei!
Porque nos teus creio tanto
Como em Deus acreditei!
Depois de tel-os perdido
Sem pezar acabarei!...

Mauricio levantou-se para rasgar a pagina do *Album*. O rubor abrazava-lhe as faces, sentia palpitar o coração de indignacção e de raiva. D. Affonso sorriu ironicamente, ao vêr aquelle despeito infantil, e tirou-lhe o *Album* das mãos.

— Queres que te diga que essa pagina rasgada no *Album* da Viscondessa, é como a lettra arrancada do nome de Borgia; condemna á morte a cabeça que ousou ultrajar o vicio poderoso e respeitado?

— É que, se a sociedade é tão infame, que não cobre de despreso essa mulher, sou eu que

hei-de ter mais coragem do que ella, que não hei-de manchar o meu nome nas paginas desse livro! — bradou Mauricio com orgulho soberano.

— E quem és tu para lhe lançares a luva, talento ignorado; que vendes os sonhos generosos da tua alma á curiosidade cubiçosa desse mundo que despresas? Na vida, não ha senão dois caminhos, o da obediencia, ou o da revolta. Revolta? Aonde estão os teus exercitos? Quem jura no teu Evangelho, quem se enthusiasma ás tuas palavras! Byron era um lord, era um poeta, era um homem auxilíado pelas tradicções e pelo talento, e foi demandar um tumulo ás praias regeneradas da Grecia! A tua acção era de uma alma pura e generosa, e havias de morrer por ella: eras um heroe aos olhos da rasão, ficavas sendo um homem ridiculo aos olhos da sociedade.

Mauricio caíu anniquillado no canapé. Soluçou nesse pranto sem lagrimas, similhante ás tempestades que caem sobre a atmosphera, e em que as nuvens se agitam, deixando apenas luzir o raio do seu seio inflammado. Estava face a face com a sua impotencia social. Sentia que eram verdadeiras aquellas palavras amargas. Nas sociedades corruptas, o heroismo da lucta póde ser appreciado como um accesso de vaidade ridicula. A servidão do espirito aos dictames implacaveis do mundo, é uma condição imprescriptivel para todas as vocações duvidosas. É o que póde o talento, quando não é favorecido por uma força directa!

— E que importa — bradou Mauricio — que me condemnem, que me odeiem, que se riam de mim?... O partido da consciencia é a mais poderosa de todas as consolações!

— Ser vencido — quando se apreciam os esforços, e a energia que se despendeu no combate, é talvez uma gloria — disse D. Affonso — mas tu cairias derribado, sem que percebessem talvez a tua queda!

— Oh! não me resta então outro recurso senão o suicidio? — perguntou Mauricio com desespero.

— É uma loucura tambem! O sangue derramado não serviria á tua causa, nem poderia engrandecer a tua memoria! — N'um paiz como a Inglaterra póde um poeta como Chatterton fazer com que o seu sangue cáia sobre a cabeça dos seus algozes, e que a voz da posteridade condemne os que não souberam consolar as amarguras do seu talento; aqui, attribuiriam o teu sublime impulso á fraqueza de não poderes supportar a tua miseria, ou ao despeito de não teres sido amado por aquella mulher!

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

Diario de 14 de Janeiro.

254 Varios extractos muito importantes de correspondencias recebidas na Secretaria dos negocios do Reino dos consules portuguezes em Vlaardingen, em Singapura, e em Pernambuco, que por sua grande extensão não temos espaço para transcrever, mas que merecem ser lidos.

Condições para a arrematação do subsidio litterario nos dezesete Districtos do Reino.

NOVOS ESCRIPTOS DE LAMARTINE E V. HUGO.

255 Ha dois annos que os jornaes annunciaram um romance novo do auctor de *Nôtre-Dame de Paris* com o titulo *les Misères*, e que não póde ser concluido em rasão dos muitos objectos que distrahiram o escriptor depois da revolução de Fevereiro.

Esta obra de M. Victor Hugo constará de tres partes: a primeira acha-se completa e vae entrar no prelo.

Com toda a brevidade, e logo que tenha concluido as *Memoires d'Outre-Tombe*, publicará a *Presse*, as *Confidences* de M. Alphonse de Lamartine.

THEATRO DE D. MARIA II.

256 A Direcção deste theatro, depois de haver tido a gloria de concorrer para a decadencia moral da nossa arte dramatica, em todo o sentido — parece estar resolvida a fazer quanto possa para arruinar o rico edificio com que o estado a dotou, além da avultada prestação em dinheiro qne annualmente recebe.

Além da repugnante falta de aceio que se observa em todo o edificio, a economica illuminação, que todas as noites conserva o theatro, duvidosamente illuminado, vae tornando negros os doirados que ornavam a sala. Chamamos a attenção das auctoridades competentes sobre este desleixo, que não deve passar impune.

TERRIVEL FURACÃO.

257 *Sr. Redactor.* — Hontem 14, pelas 7 horas e meia da noite rebentou um terrivel furacão vindo do S. E., e em menos de 5 minutos estragou os olivaes, principalmente os do Conselheiro Marçal, pro-

ximos a esta villa, os dos proprietarios Antonio Vaz, e João José de Sousa Ramos, não admirando tanto as Oliveiras e Alfarrobeiras que as levou pela raiz, e despedaçou outras, mas as Figueiras e Amendoeiras que na estação presente estão nuas, tudo foi a diante, telhados, cimalhas, janellas etc. julgavamos ser o fim do mundo; foi tal o impeto, que enfiando pelo arco que servia de chave ao côro do convento dos Capuxos, quebrou a tranca, e despedaçou os feixos e abriu as portas, o que custa talvez a accreditar; é de crer que pela nossa costa houvessem desgraças o que Deus arrede.

Está o correio a partir, e logo que colha mais alguns esclarecimentos os remetterei.

Seu assignante etc.

Loulé 15 de Janeiro de 1850. JOÃO JOSÉ JARA.

MARECHAES DE FRANÇA.

258 Existem actualmente seis, contando-se o ex-rei da Westphalia, Jeronymo Bonaparte, que foi elevado a esta dignidade por decreto do 1.° do corrente anno. Os outros são:

	Nascidos.	*Nomeados.*
Marechal Soult.	1769	1804
» Gerard	1773	1830
» Sebastiani	1775	1840
» Reille	1775	1847
» Dobe	1776	1847
» Jeronymo Bonaparte.	1784	1850

DADIVA DO GRÃO-TURCO A UM POETA CHRISTÃO.

259 Ha muito que os jornaes litterarios e os politicos diziam que M. de Lamartine ía estabelecer residencia no Oriente. *O Jornal de Constantinopla* confirma agora o boato da cedencia de um largo espaço de terreno que o Sultão fizera a favor do illustre poeta das *Meditações* e das *Harmonias religiosas*, lavrando-se o competente diploma a 3 de Novembro ultimo, assignando-o por uma parte o grão-vizir e pela outra M. Roland, deputado que foi na recente assembléa constituinte franceza.

O terreno é cedido gratuitamente; fica distante de Smyrna poucas leguas, é muito productivo e comprehende boa habitação e todos os mais edificios convenientes; terá de extensão 3,400 geiras francezas, ou *arpens*.

THEATRO DE S. CARLOS.

260 A *Linda de Chamounix* em geral foi bem cantada e agradou muito. A Sr. Gresti merece muito louvor; no segundo acto como cantora e como actriz houve-se perfeitamente. Para nós ha mais trabalho artistico em desempenhar assim a parte de *Linda* do que na severidade fria de Lady Macbeth. Devemos justiça a um artista, que não foi por nós bem apreciado a primeira vez que o ouvimos: fallamos do Sr. Rocco. Na *Linda* pareceu-nos um baixo comico não vulgar. A sua voz é sonora e simpathica; a sua phisionomia presta-se a movimentos rapidos e expressivos. Depois de o ouvirmos na *Linda* não temos duvida em asseverar, que foi uma excellente acquisição feita pela empreza. A Sr.ª Persoli é uma interessante cantora, a quem o estudo deve preparar uma brilhante carreira. Na *Linda* o seu canto puro e simples agradou tanto como na *Norma*. O Sr. Fiori na primeira representação da *Linda* excedeu-se como actor e como cantor: a exageração mata a arte: estimariamos que na segunda representação se emendasse, e mais ainda estimamos que se convença de que é cantando e não gritando, que a sua boa voz ha de arrebatar os espectadores. O Sr. Benedetti representou muito bem. O Sr. Liverani confirmou a opinião de que apenas é um tenor de segunda ordem. Parece que brevemente teremos uma opera nova — *Maria de Rohan*. — *O Elixir* voltará á scena, e a Sr.ª Gresti e o Sr. Fiori poderão fazer brilhar o seu talento em *partes* absolutamente differentes das que até hoje tem cantado no Theatro de S. Carlos. É quasi certo que teremos uma nova dama a Sr.ª Bianchi, que fará a sua estrêa na — *Filha do Regimento*.

Quanto a danças a época theatral corre cada vez mais infeliz. O bailado dos *beduinos* foi um disparate indecente, que perfeitamente concordou com o desconcerto da primeira composição do Sr. Guidi. A *Styrienne* é um passo velho e sem graça no qual a Sr.ª King e o Sr. Guidi foram pateados. O passo a dois composto pelo Sr. Vianna é o que tem valido para que os espectaculos não acabem sem dança. A empreza por seu interesse devia empregar alguns meios para por este lado agradar ao publico. Sem um *compozitor francez* parece-nos, que não poderá alcançar nenhum resultado feliz.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 23 de Janeiro.

261 Fundos publicos de 5 por cento 54 a 55. — Acções do Banco de Portugal 430$000 rs. — Acções sobre o fundo de amortisação 42 a 45. — Desconto de Notas, 870 a 900.

Estado do mercado, em 23 de Janeiro.

Algodão de Pernambuco 115 a 120 rs. — Dito do Maranhão 100 a 110 rs. — Dito da Bahia 105 a 110 rs. — Pequenas vendas para o consumo

Assucar de Pernambuco B. novo 1$450 a 1$600 rs., dito velho 1$200 a 1$350 rs., — Do Rio dito 1$300 a 1$400 rs. — Da Bahia dito 1$350 a 1$400 rs. — Das Alagôas dito 1$200 a 1$250 rs. — Do Pará, bruto 900 a 1$000 rs. — Mascavado novo 1$100 a 1$150 rs., dicto velho 850 a 1$000 rs. — Limitam-se as vendas somente para o consumo.

Cacáu 1$650 a 1$700 rs. — Preços nominaes.

Caffé do Rio — 2$500 a 2$600 rs. — O mercado acha-se inteiramente falto deste artigo, existindo mui pequenas partidas.

Cera de Angola B. 255 a 260 rs. — Dita A. 245. a 245 rs. — Tem tido prompta sahida para reexportar.

Marfim de lei 960 a 1$100 rs. — Dito meão 830 a 850 rs. — Dito escravelho 550 a 650 rs. — Continuam as vendas para embarque.

Urzella 6$200 a 6$400 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

PRAÇAS ESTRANGEIRAS.

262 *París* 10 *do corrente*.—Os calculos de eventualidades politicas tem influido consideravelmente no movimento de fundos, e seria grande a baixa se pela maior parte não estivessem nas mãos de fortes capitalistas que procuravam sustentar os preços; assim mesmo foram infructiferos os seus esforços para elevar os 5 por % acima de 94. Os 3 por % ficavam a 57,40. — Offereceram-se algumas acções do Banco a pagamento á vista, o que as fez baixar de 2,415 fr. a 2,400 · comtudo appareciam muito poucas ao fechar da praça;

Londres, 9. — Os consolidadas abriram a 97 ½ — ⅝ fecharam a 97 ⅜ — ¾ sem dividendo.

Bruxellas, 10. — Os 5 por % a 97 ⅝, os dois e meio por cento a 30.

Franckfort, 8. Emprestimo d'Austria, 5 por % 85 ¼, 4 por % 67 ¼.

Berlim, 9. (Pelo telegrapho). Os 5 por % a 107.

Vienna, 7. (Idem.) Os 5 por % a 96 ⅛, os 4 por % a 75 *Madrid*, 14. —

Titulos de 3 por %	a	28 ⅝	papel.
» de 4 »	a	11 ¾	»
» de 5 »	a	12 ¼	»
Coupons não capitalisados	a	7 ¼	»

Bilhetes do thesouro do emprestimo forçado de 100 milhões a 85 por % dita especie.

---

263 O *Atheneu* extractando, não sabemos d'onde, — O *projecto d'um curso de Sciencias Economicas e Administrativas na Universidade de Coimbra* — dirige-nos no gripho de algumas das suas palavras uma allusão que não merecemos — quando diz que a REVISTA extractou do *Atheneu* o programma do curso do Gremio Litterario. Procurámos no frontespicio do jornal as iniciaes do auctor do artigo, não as encontrámos, mas apezar disso responderemos ao redactor anonimo — que em pontos de propriedade litteraria temos ahi bastas provas, appresentadas por tres annos consecutivos, com as quaes podemos asseverar, que ainda ninguem foi mais escrupuloso do que nós.

A redacção do *Atheneu* sabe, que nós faziamos parte desse curso, e que tinhamos direito egual a outro qualquer dos seus membros para sabermos o seu programma. A allusão só tem desculpa, se o *Atheneu* se pertende inculcar como jornal do Gremio. Por em quanto, nem nós nem outros socios o reconhecemos como tal.

O jornal póde, sem conhecimento dos socios, ter o seu escriptorio nas salas do Gremio, encarregar a sua administração a um empregado desse estabelecimento: para isto basta que um director do Gremio se julgue com direito para o fazer; mas, para ser jornal official do Gremio, é mister mais alguma coisa — é mister que haja discussão e votação.

A nossa opinião contraria desde largo tempo a procedimentos similhantes em varias Associações, apparecerá mais desenvolvida em logar opportuno e tempo proprio. A injusta allusão é que nos obrigou a juntar á nossa resposta a menção de factos, que nem todos os socios do Gremio approvam, porque o *Atheneu* tem tanto direito como outro qualquer jornal para dispor das casas do Gremio, do tempo dos seus empregados, e dos seus jornaes.

TYPOGRAPHIA

DA

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE

Rua dos Fanqueiros n.º 82.

Esta nova Typographia, possuindo variedade de typos — optimos prelos de ferro — e usando de varias qualidades de tinta, feita por meio de novos processos chimicos, offerece ao publico a vantagem da composição correcta, da impressão nitida, e da tinta bem preta e fixa.

Toma conta de qualquer obra, seja livro, jornal, mappa, ou folheto; e se responsabilisa pela promptidão, do que se lhe encarregar, no dia fixo que se prometter.

Os preços serão regulados, conforme a edição, mas sempre modicos.

A REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE prova semanalmente o que se promette no presente annuncio.

Lisboa 23 de Janeiro de 1850.